

Conhecido por seus súditos como "o Conquistador" e em grande parte da Europa como "o Terror do Mundo", o sultão Mehmed II foi um dos governantes mais temidos e poderosos da Europa. John Freely, respeitado estudioso norte-americano, devolve a vida ao herói carismático de uma das mais ricas histórias no mundo.

Mehmed tinha acabado de completar 21 anos quando conquistou a Constantinopla bizantina, então tomada Istambul e a capital de seu poderoso império. Mehmed reinou por trinta anos, durante os quais seus exércitos expandiram fronteiras pela Ásia Menor e Europa. Três papas declararam cruzadas contra Mehmed quando a Europa cristã se viu cara a cara com esse novo império muçulmano.

Reverenciado pelos turcos e considerado um tirano brutal pelo Ocidente, Mehmed foi um brilhante líder militar assim como um príncipe renascentista. Sua corte acolheu poetas persas e turcos, astrônomos árabes e gregos, estudiosos e artistas italianos. Na primeira biografia de Mehmed em trinta anos, John Freely ilumina o homem atrás do mito.

Tradução: Adriana de Oliveira

ISBN 978-85-61578-17-6



9 788561 578176

O GRANDE TURCO

John Freely

O GRANDE TURCO

SULTÃO MEHMED II

CONQUISTADOR DE CONSTANTINOPLA E SENHOR DE UM IMPÉRIO

John Freely

GRUPO

H

8

Uma corte renascentista em Istambul

Após descrever o novo palácio, o Topkapı Sarayı, Critoboulos nos conta como o sultão Mehmed ali passou o verão e o outono de 1465, embelezando a nova capital e reunindo em volta de si um círculo de estudiosos que fariam de Istambul um centro cultural semelhante ao que havia sido Constantinopla na época bizantina.

Ele próprio passou o verão em Bizâncio; mas, como era seu hábito, não negligenciou seus esforços em prol da cidade, isto é, da população, cuidando diligentemente de construções e melhorias. Também se ocupou com a filosofia, como a dos árabes, persas e gregos, em especial as obras traduzidas em árabe. Freqüentava todos os dias os expoentes e mestres dessa disciplina e mantinha vários deles perto de si para conversar com eles. Manteve discussões filosóficas com eles sobre os princípios da filosofia, em especial os dos peripatéticos e dos estoicos.

Durante o verão de 1465, o sultão Mehmed dedicou-se ao estudo da geografia. Esse interesse fora estimulado pelo descobrimento de um manuscrito da *Geographia* do cientista grego Cláudio Ptolemeus de Alexandria, mais conhecido como Ptolomeu, escrito em meados do século II d.C. Segundo Critoboulos, Mehmed tinha especial interesse nos mapas contidos no manuscrito, que descreviam a totalidade do *oecumenus*, ou mundo habitado, conhecido pelos gregos, que se estendia das Colunas de Hércules (o estreito de Gibraltar) até a Índia e a China.

Ele [Mehmed] também encontrou, em algum lugar, os desenhos de Ptolomeu em que este apresentava, científica e filosoficamente, toda a descrição e o contorno da Terra. Mas por estarem dispersos em diversas partes da obra e, portanto, difíceis de entender, quis uni-los em uma única visão ou representação, para que se tornasse mais clara ou mais compreensível e assim fosse mais facilmente compreendida pela mente e alcançada e apreendida, pois essa lição parecia-lhe muito necessária e importantíssima.

Durante o verão de 1465, Mehmed recorreu à ajuda do estudioso grego Jorge Amirutzes de Trebizonda, primo do grão-vizir Mahmud Paxá, trazido para Istambul pelo sultão com o imperador David Commeno e sua família. Critoboulos, que o chama de Amirutkis, escreve “como o Sultão o recebeu e honrou”.

Entre os acompanhantes do senhor de Trebizonda estava um homem chamado Jorge Amirutkis, um grande filósofo, versado nos estudos da física, dogmática, matemática, geometria e analogia de números, bem como na filosofia dos peripatéticos e dos estoicos. Ele também tinha amplos conhecimentos enciclopédicos e era orador e poeta. O sultão soube desse homem e mandou chamá-lo. Ao familiarizar-se com a formação e a sabedoria dele, por intermédio de contatos e conversas, passou a admirá-lo mais que qualquer outro. Deu-lhe uma posição condizente em sua corte e honrou-o com audiências e conversas frequentes, fazendo-lhe perguntas sobre os antigos e os problemas filosóficos e sua discussão e solução. Pois o próprio sultão era um filósofo dos mais perspicazes.

Critoboulos nos conta como Amirutzes criou um enorme mapa mural para Mehmed que combinava todos os mapas individuais da *Geographia* de Ptolomeu, permitindo que Mehmed acompanhasse a expansão de seu império pelo *oecumenus*.

Assim, chamou o filósofo Jorge [Amiroutzes] e o encarregou da execução desse plano, com a promessa de uma recompensa **real e honorária**. E esse homem logo concordou em executar o trabalho e levou a cabo com entusiasmo as propostas e as ordens do sultão. Tomou em mão o livro com deleite e passou todo o verão lendo-o e estudando-o. Por meio de investigações consideráveis e da análise da sabedoria contida no livro, escreveu com propriedade e habilidade toda a história da terra habitada em uma representação como um todo **conectado**: a terra e o mar, os rios, portos, ilhas, montanhas, cidades e tudo o mais, em linguagem clara, incluindo as regras de medição de distâncias e todos os outros elementos essenciais. Instruiu o sultão no método mais necessário e adequado para os estudantes e os amantes da investigação e nas coisas úteis. Também incluiu no desenho os nomes de países, localidades e cidades, em grafia árabe, usando como intérprete seu filho, que era especialista nas línguas dos árabes e dos gregos. O sultão ficou muito contente com esse trabalho e admitiu a sabedoria e a engenhosidade de Ptolomeu e ainda mais as do homem que tão bem lhe havia apresentado essas coisas. Recompensou-o de muitas manjucas e com muitas honrarias. Também lhe ordenou que editasse o livro integralmente em árabe e prometeu-lhe um pagamento vultoso e presentes por seu trabalho.

O filho de Jorge Amirutzes citado por Critoboulus é Mehmed Bey, que junto a seu irmão Skender Bey havia-se convertido ao Islã. Mehmed Bey era fluente em turco e árabe e sabemos que o Conquistador recorreu a ele para a tradução de outros manuscritos gregos, tanto religiosos quanto seculares, incluindo a Bíblia, mas não há vestígios desses outros trabalhos, se é que de fato foram completados. O sultão Mehmed interessava-se também pelo Almagesto de Ptolomeu, a grande obra de astronomia que foi a base para o sucessivo desenvolvimento dessa ciência no mundo muçulmano, após ter sido traduzido em árabe, e na Europa ocidental por meio da tradução em latim. Nisso, Mehmed teve a ajuda de outro estudioso grego, Jorge Trapezuntios, um cretense cuja família era originária de Trebizonda.

Trapezuntios tinha trabalhado em Roma sob o patrocínio do cardeal Bessarion, que o havia encarregado de traduzir o Almagesto de Ptolomeu do grego em latim. Trapezuntios foi de Creta para Istambul em novembro de 1465 e aparentemente ficou naquela cidade até voltar a Roma em 18 de março de 1466.

Ao voltar para Roma, Trapezuntios foi preso e encarcerado por quatro meses no Castelo de Santo Ângelo, até ser solto por ordem do papa Paulo II, seu antigo aluno de gramática e humanidades. Fora preso sob suspeita de ter informado o sultão sobre “acontecimentos no Oeste e o descontento de seu povo” e de ter “encorajado o Grande Turco a apressar a invasão da Itália”. As provas para essas acusações consistiam em duas cartas escritas a Mehmed, em que Trapezuntios louvava o sultão por ser um governante muito superior ao rei Ciro da Pérsia, a Alexandre, o Grande, ou a Júlio César. No fim da primeira carta, datada em Gálata em 25 de fevereiro de 1466, informa ter terminado uma tradução em latim do Almagesto e tê-la dedicado ao sultão. Na segunda carta, que parece ter sido enviada logo após sua volta a Roma, Trapezuntios comenta a própria boa sorte em ter conhecido o sultão Mehmed e diz tê-lo louvado ao papa e ao Colégio de Cardeais como governante justo e inteligente muito versado na filosofia aristotélica e em todas as ciências. A carta ainda descrevia Mehmed como o homem que, com a ajuda de Deus, poderia liderar todos os povos da Terra a abraçarem uma só fé e criar um império unificado para toda a humanidade. Já havia escrito sobre essa religião unificada em um tratado intitulado *Sobre a verdade da fé cristã*, em que procurava mostrar a ausência de qualquer diferença fundamental entre a cristandade e o Islã. Esperava que o tratado fosse traduzido em turco e apresentado a estudiosos muçulmanos; acreditava que o sultão Mehmed poderia facilmente reconciliar as duas religiões e assim governar sobre todas as nações das duas fés. Como escreveu ao sultão Mehmed:

Ninguém pode duvidar que és de direito o imperador dos romanos. Pois esse é o imperador a quem pertence de direito a sede do império, mas a sede do Império Romano está em Constantinopla, de maneira que quem possuir de direito essa cidade é

o imperador. Mas não é dos homens e sim de Deus que tu, pela espada, recebeste esse trono. Por conseguinte, és o legítimo imperador dos romanos [...] E aquele que é e permanece imperador dos romanos é também o imperador do mundo inteiro.

O interesse de Mehmed pela astronomia o levou a entrar em contato com o maior astrônomo muçulmano da época, Ali Kuşci, que havia sido astrônomo chefe no observatório fundado em Samarcanda pelo câ timúrida Ulu Beg, neto de Tamerlão. Ali nasceu em Samarcanda e tomou o nome de Kuşci, ou cuidador de aves, por ter sido falcoeiro de Ulu Beg na juventude. Sucessivamente, foi embaixador de Ulu Beg na China. Depois de ser nomeado astrônomo-chefe, completou as tabelas astronômicas de Ulu Beg, as famosas *Zij-i Sul-taniye*, publicadas pela primeira vez em 1438. É provável que as tabelas tenham sido escritas primeiramente em persa e sucessivamente traduzidas em árabe e turco; elas permaneceram em uso no mundo muçulmano até o século XIX.

Ali deixou Samarcanda pouco depois do assassinato de Ulu Beg, ocorrido em 1449. Foi para Tabriz e foi acolhido na corte de Uzun Hasan, que o nomeou astrólogo-chefe. Uzun Hasan o mandou em missão diplomática a Mehmed II, que lhe ofereceu o cargo de astrônomo-chefe da corte. Ali aceitou a proposta e disse que retornaria a Istanbul após completar sua missão em Tabriz.

Ali deixou Tabriz para Istanbul no começo de 1472, acompanhado por uma comitiva avaliada em duzentas pessoas, incluindo alguns cortesões do Topkapı Sarayı enviados como escolta pelo sultão Mehmed, que financiou generosamente a viagem. Quando Ali chegou a Istanbul, presenteou o sultão com um livro de 194 páginas intitulado *Muhammadiye*, uma obra de matemática escrita durante a viagem. No ano seguinte, presenteou Mehmed com um livro de astronomia de 147 páginas intitulado *Risala al-Fathiya*, o *Livro da Conquistista*. Os originais de ambos os livros estão ainda preservados na biblioteca de Hagia Sophia.

Domenico Hierosolimitano, um judeu convertido ao cristianismo que havia sido médico pessoal do sultão Murad III no Topkapı Sarayı, é autor de uma descrição do palácio em que atribui a Meh-

med II uma coleção de antigas obras gregas e bizantinas incluindo 120 manuscritos da biblioteca de Constantino, o Grande. Um estudo do *scriptorium* grego do Conquistador feito por Julian Raby em 1983 revelou somente quatorze manuscritos dos quais foi possível determinar, pelas marcas d'água, que haviam sido adquiridos durante seu reinado. Raby também determinou que dois outros manuscritos conservados em bibliotecas ocidentais, um em Paris e o outro no Vaticano, também provinham do *scriptorium* do Conquistador.

A obra mais notável identificada por Raby no *scriptorium* do Conquistador é a *História de Mehmed, o Conquistador*, de Critoboulos de Imbros. Esta obra, que cobre a vida do Conquistador da ascensão ao trono em 1451 até o fim de 1467, começa com uma dedicatória ao sultão: "Ao Imperador Supremo, Rei dos Reis, o afortunado, o vitorioso, o vencedor de troféus, o triunfador, o invencível, Senhor da terra e do mar, pela vontade de Deus, Critoboulos, o ilhéu, servo de seus servos".

Os contemporâneos ocidentais de Mehmed, inclusive aqueles que, como Niccolò Sagundino, o conheceram logo após a conquista de Constantinopla, relatam seu interesse pela história antiga, especialmente pela vida de Alexandre, o Grande. Uma vez que Critoboulos o compara a Alexandre, o Grande, poder-se-ia esperar que o Conquistador possuísse uma biografia de Alexandre. Os estudiosos haviam presumido que Mehmed conhecesse a história de Alexandre por meio da versão islâmica de seu romance, a de Nizami em persa ou a de Ahmedi em turco. Mas o estudo, por Raby, do *scriptorium* de Mehmed revelou uma cópia do *Anabasis* de Arriano, a biografia-padrão grega de Alexandre, com as mesmas marcas d'água e a escrita do mesmo escriba do manuscrito de Critoboulos, o que indicaria ter sido preparada para o Conquistador.

Outro manuscrito grego encontrado no *scriptorium* de Mehmed é uma obra anônima, a *Deigesis*, também conhecida pelo título inglês de *On the Antiquities of Constantinople and the Church of Hagia Sophia*, datada de 1474 e escrita pelo escriba Miguel Aichmalotes. Essa obra não pode ser diretamente associada ao Conquistador, mas uma fonte conhecida como as *Crônicas Anônimas* relata que Mehmed interrogou estudiosos "rumes e francos" sobre a história de Constanti-

nopla e de Haghia Sophia. Além disso, versões em persa e em turco de uma obra intitulada *Tarih-i Ayasofya* (*História de Haghia Sophia*) foram encontradas no *scriptorium* do Conquistador, atestando o interesse de Mehmed pela história da Grande Igreja e da cidade que ele havia conquistado.

O manuscrito parisiense que Raby identificou como procedente do *scriptorium* de Mehmed é uma cópia da *Ilíada* de Homero, feita por João Dokenanos, conhecido como estudioso do período bizantino tardio. Acredita-se que Dokenanos tenha sido tutor da princesa Helena, filha de Demétrio Paleólogo, o déspota da Moreia. Quando Demétrio se rendeu ao Conquistador em 1460, recebeu um apenágio em Edirne, como dissemos, e Helena entrou no harém de Mehmed. Dokenanos parece ter acompanhado Demétrio e Helena à corte otomana e provavelmente recebeu de Mehmed o emprego de escriba. Sua cópia da *Ilíada* é datada, com base em indícios, em 1463. Sabe-se que Mehmed leu a *Ilíada*, como se desprende da biografia dele em que Critoboulos escreve “como o Sultão examinou os túmulos dos heróis ao passar por Troia e como os louvou e felicitou”. De acordo com Critoboulos, Mehmed visitou Troia em 1462, um ano antes de Dokenanos terminar sua cópia da *Ilíada*, algo que dificilmente pode ser considerado, como uma coincidência.

Raby assinala que os conhecimentos de Mehmed acerca da história da Grécia antiga “devem ter sido influenciados pela antiga crença ocidental, já em auge no século VII, segundo a qual os turcos, como os francos, descendiam dos troianos”. No caso dos primeiros, a crença decorria da confusão entre os teucros, identificados por Homero como os antepassados dos troianos, e os próprios turcos. Segundo o historiador grego Laonicus Chalcondyles, em Roma a queda de Constantinopla foi interpretada como vingança pela queda de Troia, e Critoboulos atribui o mesmo ponto de vista a Mehmed durante a visita que este fez a Troia em 1462.

O manuscrito vaticano do *scriptorium* de Mehmed é uma tradução grega, por Demétrio Kydones, da obra em latim de São Tomás de Aquino, *Summa Contra Gentiles*. Esse manuscrito deve ter sido preparado antes de 1475, pois está incluído no inventário da biblioteca vaticana para aquele ano. O fato de Mehmed possuir uma obra de To-

mas de Aquino, o principal intérprete cristão de Aristóteles, corrobora a afirmação de Critoboulos de que o Conquistador “tinha discussões filosóficas” com estudiosos de sua corte “sobre os princípios da filosofia, em especial os dos peripatéticos [isto é, aristotélicos] e dos estoicos”.

O interesse de Mehmed pela geografia, demonstrado pelo mapa preparado para ele por Jorge Amiroutzes a partir da *Geographia* de Ptolomeu, também aparece em função de outra obra encontrada por Raby no *scriptorium* do Conquistador. Trata-se de uma tradução grega do *Libër Insularum Archipelagi* (*Livro sobre as Ilhas do Arquipélago*), publicado em 1420 pelo geógrafo florentino Cristóforo Buondelmonti. O livro de Buondelmonti contém mapas do Mediterrâneo oriental e das terras adjacentes, incluindo o mapa mais antigo de Constantinopla em existência e o único datado de antes da conquista da cidade por Mehmed em 1453. Edições posteriores desse livro foram publicadas até 1480, com o mapa de Constantinopla da última edição mostrando alguns dos primeiros edifícios otomanos na cidade, incluindo a Mesquita do Conquistador e o Topkapı Sarayı.

Outros manuscritos gregos do *scriptorium* do Conquistador incluem a *Tegonia* de Hesíodo; a *Haliêutica* de Opiano; uma *Miscelânea* de Planudes contendo uma *Vida de Esopo*, as *Fábulas de Esopo*, *As Profechas de Hipócrates* *Descobertas em seu Túmulo* e *A Arte da Lira*; Antonios Monachos, *Léxico Bíblico*, atribuído a Cirilo de Alexandria; uma obra anônima *Sobre Pedras Preciosas e as Propriedades dos Animais*; Manuel Moschopoulos, *Gramática*; uma obra anônima sobre *Gramática*, *Declinação e Conjugação de Verbos*; a *Olimpíaca* de Píndaro; o *Lexikon* de Eudemos Rhetor e uma obra anônima *Sobre o Testamento de Salomão*.

Raby assinala que o *Testamento* “parece ter pertencido a um conjunto de dois tomos da biblioteca do sultão, embora seu volume companheiro não fosse uma obra grega e sim uma tradução árabe de um texto sírio”. O outro volume é *Kitab Daniyal al-nabi* (*Livro do Profeta Daniel*), conservado na biblioteca de Haghia Sophia. De acordo com Raby, ambos os livros eram tratados de magia utilizados para a elaboração de prognósticos e ambos eram dedicados a Mehmed II.

Além dos dezesseis manuscritos gregos identificáveis como pertencentes ao *scriptorium* do Conquistador, outras obras da coleção

do Topkapı podem ser datadas à época de seu reinado. Um deles, segundo Raby, é “um comentário em hebraico, de Mordecai ben Eliezer Comitino, sobre o *Guia dos Perplexos* de Maimônides, codicologicamente comparável às séries gregas do palácio e datado 10 de Kislev de 5241, isto é 12 de novembro de 1480 EC”. Raby acrescenta que “Mordecai Comitino (1420 — antes de 1487) nasceu em Constantinopla e viveu em Edirne durante parte da década de 1450. Ele era uma liderança da comunidade intelectual judaica de Constantinopla/Istambul e era reconhecido como talnuidista, comentarista, matemático e astrônomo”. Sabe-se que Comitino teve contatos com estudiosos muçulmanos em Istambul e o fato de uma de suas obras estar no *scriptorium* do imperador parece indicar que pertenceu ao círculo intelectual de Mehmed.

O sultão Mehmed também se interessou pela obra de Jorge Gemisto Pléton (1355-1452), chamado por Sir Steven Runciman de “o mais original dos pensadores bizantinos”. Pléton estudou em Constantinopla e ali ensinou até c. 1392. Sucessivamente, foi para Mistra, no Peloponeso, cidade governada por algum tempo pelo déspota Teodoro Paleólogo, o segundo filho do imperador Manuel II. Pléton ali ensinou pelo resto de seus dias, com exceção de um ano em que foi membro da delegação bizantina ao Concílio de Ferrara-Florência. Os ensinamentos de Pléton caracterizavam-se pela rejeição de Aristóteles e a devoção a Platão, que inspirou seu objetivo de reforma do mundo grego em sentido platônico. Suas crenças religiosas eram mais pagãs que cristãs, como se desprende de seu tratado *Sobre as Leis*, em que se refere a Deus principalmente como a Zeus e diz que a Trindade consiste do Criador, da Mente-do-mundo e da Alma-do-mundo. Jorge Trapezuntios relata uma conversa que teve com Pléton em Florência, onde este lhe teria dito que o mundo inteiro estava prestes a adotar uma nova religião. Quando inquirido se a nova religião seria cristã ou maometana, Pléton respondeu: “Nenhuma das duas; não será diferente do paganismo”.

Um manuscrito da coleção do Topkapı evidencia o interesse do sultão Mehmed pelos escritos de Pléton. Segundo Raby, a obra “contém uma tradução árabe do *Compendium Zoroastrorum et Platoniorum Dogmatum* de Pléton, a coleção completa de Pléton do texto

neoplatônico fundamental intitulado *Crônicas Caldeias* e fragmentos de seu *Nomoi*, que incluía um hino a Zeus!”

Mehmed era conhecido como patrono da literatura e durante seu reinado apoiou cerca de trinta poetas e estudiosos, de acordo com fontes turcas contemporâneas. O historiador turco do século XVI Hoca Sadeddin escreveu que o sultão Mehmed era tido em alta estima por todos seus sujeitos,

especialmente por aqueles que haviam alcançado alguma distinção nas letras e na ciência durante o reinado dele, pelos sinais de estima e consideração que receberam dele em forma de liberalidades [...] A proteção que concedia aos letrados resultou na produção de inúmeras obras de valor, quase todas dedicadas a ele [...] Também reuniu milhares de manuscritos, muitas vezes cópias autografadas de raríssimos e valiosíssimos comentários e exegeses da lei e da religião islâmica, mandando que fossem distribuídos em todas as mesquitas que fez construir, para uso e comodidade dos mestres que nelas residiam. Em suma, não esqueceu nenhuma das boas obras que poderia fazer neste mundo.

A língua literária do império otomano no tempo de Mehmed era o persa, enquanto as obras de teologia islâmicas eram escritas em árabe. Mas embora Mehmed tivesse estudado tanto o persa quanto o árabe, quando escrevia alguma coisa o fazia geralmente em turco coloquial. Sob o pseudônimo de Avni, deixou uma coleção de escritos conhecida como um *divân*, com cerca de oitenta poemas em turco, mesclados com alguns versos em persa chamados de *gazéis*, meras paráfrases de obras do grande poeta iraniano Hafiz. Um poema de amor do *divân* de Mehmed, citado com frequência, revela a total falta de originalidade do autor.

Quando a gema da rosa no jardim se veste

Usa botões feitos de gemas de rosa.

Quando na fala a língua enlaça rosas e gemas

Suas palavras não são nada comparadas com os doces lábios dela.

Quando passeias pelo jardim com cem ardis maliciosos
As ramas do jasmim espantam-se tanto ao ver-te que balan-
çam contigo.

Quando o corniso vê as rosas espalhadas em teu caminho
Também espalha rosas diante de ti.

Até que aquela beleza de bochechas rosadas venha ver o
jardim,

Ó Avni, possa a terra estar sempre úmida das lágrimas de
teus olhos!

O poeta mais destacado da corte de Mehmed era Ahmet Paxá, um descendente do profeta Maomé, mas sua obra também não era das mais **originais**. O mesmo diga-se de duas poetizas do reinado de Mehmed, Zeynep Hatun e Mihri Hatun. Zeynep, conhecida por seus muitos namoros escandalosos, escreveu um divã em turco e persa, que dedicou a Mehmed II. Mihri, conhecida como “a Safo dos otomanos”, escreveu poemas de amor descritos por seu biógrafo coevo Aşık Çelebi como meramente platônicos, pois “nada manchava sua reputação de virtude ilibada”. “Apesar desse amor poético”, escreve Aşık, “essa mulher do mundo não cedeu aos desejos de ninguém, nenhuma mão de amante tocou o tesouro de suas graças virginais e nenhum braço, a não ser seu colar perfumado de ambra, cingiu seu pescoço sempre puro, pois viveu e morreu virgem”.

Vários artistas italianos residiram durante alguns períodos na corte de Mehmed no Topkapı Sarayı. No começo de 1461, Mehmed iniciou uma correspondência com o *condottiero* Sigismondo Pandolfo Malatesta, senhor de Rimini, a quem o papa Pio II chamara de “príncipe do mal”. Mehmed queria ter um artista que o retratasse e Malatesta enviou o pintor e medalheiro Matteo de’ Pasti, de Verona, um discípulo de Pisanello e residente de longa data da corte de Rimini. Matteo iniciou a viagem para Istanbul em setembro de 1461, levando consigo dois presentes de Malatesta para Mehmed. Um era um manuscrito do *De re militari*, uma obra ilustrada sobre a arte da guerra, de Roberto Valturio, um estudioso humanista da corte de Malatesta; o outro era um mapa detalhado do Adriático. O barco em que Matteo viajava foi detido ao largo de Creta pelos venezianos, que o

Medalhão feito por Costanzo da Ferrara com o retrato de Mehmed II.



prenderam e o levaram a Veneza, onde o Conselho dos Dez o interrogou sobre o motivo da viagem a Istambul, suspeitando que Malatesta planejasse uma aliança com o sultão. Os venezianos soltaram Matteo e no começo de janeiro de 1462 este estava de volta em Rimini, tendo sido impedido de prosseguir para Istambul. Mesmo assim, Matteo fez um medalhão com um retrato de Mehmed, em colaboração com o pintor borgonhês Jean Tricaudet, embora não haja indícios de qualquer um desses artistas ter estado em Istambul.

No fim da década de 1470, Mehmed correspondeu-se com o rei Fernando I de Nápoles, a quem também pediu que lhe mandasse um artista para retratá-lo. Fernando mandou o pintor Costanzo da Ferrara, que chegou a Istambul em 1477 ou 1478 e ficou um ou dois anos. Costanzo fez duas versões de um medalhão com o retrato de Mehmed, a primeira das quais está agora na National Gallery em Washington. O anverso do medalhão, datado de 1481, afigura um busto do sultão, e o reverso o retrata a cavalo, sendo ambos de perfil. A segunda versão, quase igual à primeira fora alguns detalhes menores, foi reproduzida em muitas moldagens.

Durante o verão de 1479, Mehmed escreveu ao Doge Giovanni Mocenigo, convidando-o para a circuncisão de um de seus netos e também pedindo que os venezianos lhe enviassem “um bom pintor”. O doge recusou educadamente o convite para a circuncisão, mas, em concerto com a *Signoria*, enviou o pintor Gentile Bellini a Istambul. Ao que parece, a visita de Bellini a Istambul foi sugerida por uma carta de Giovanni-Maria Angiolello, o qual, em sua *Historia turchesca*, escreve sobre o grande prazer com que o sultão Mehmed admirava a pintura. Segundo Angiolello, “eu é que escrevi ao ilustre governo de Veneza sugerindo que enviassem um de seus melhores pintores para Constantinopla, e eles enviaram Gentile Bellini, um pintor muito experiente, com quem Maomé [Mehmed] muito se entreteve”.

Bellini chegou a Istambul no outono de 1479 e permaneceu até o começo de 1481. A única obra reconhecida como autêntica produzida durante essa estadia é seu famoso retrato do sultão Mehmed, o Conquistador, hoje exposto na National Portrait Gallery em Londres. O retrato mostra Mehmed de perfil esquerdo de três quartos, com olhos fundos castanhos, um nariz especialmente alongado e fino, em

forma de cimitarra, projetado sobre lábios finos, vermelhos e bem fechados, levando um observador a compará-lo com “um papagaio prestes a comer cerejas vermelhas”, uma barba castanha avermelhada e pontuda no queixo, com a cabeça coberta por um turbante de várias camadas com topo cônico vermelho e trajando um cafetã vermelho com gola ampla de peles.

Outras obras atribuídas a Bellini e datadas à época de sua estadia em Istambul incluem um duplo retrato de Mehmed com um jovem, hoje em coleção privada na Suíça, e esboços de um janizaro com um jovem, hoje no Museu Britânico em Londres. Um álbum conservado na biblioteca da Universidade de Istambul contém uma miniatura da Virgem com o Menino Jesus, que poderia também ser obra de Bellini pela semelhança com um quadro no Museu de Berlim assinado por ele. Há evidências de que Bellini teria pintado afrescos nas paredes de um pavilhão erguido por Mehmed no Topkapı Sarayı, provavelmente o Fath Köşkü, no Terceiro Pátio, mas não há vestígios remanescentes.

Lourenço de Médici encarregou o artista florentino Bertoldo di Giovanni de fazer um medalhão com o retrato do sultão Mehmed, terminado em 1480. O anverso mostra Mehmed de perfil esquerdo e pode ter sido copiado do retrato do sultão feito por Bellini. O reverso mostra a figura do sultão em um carro tirado por dois cavalos conduzidos por Marte, deus da corrida. O sultão segura uma corda em volta de três mulheres nuas, cada uma portando uma coroa, identificadas por inscrições como Ásia, Trebizonda e Grécia, os três impérios conquistados por Mehmed. A inscrição do anverso reza “Mehmed, Imperador da Ásia, Trebizonda e Grande Grécia”, onde a expressão final designa os domínios do Império Bizantino em seu auge.

O Museu do Topkapı Sarayı possui um retrato em aquarela em miniatura do Conquistador, atribuído ao artista turco Sinan Bey, que se acredita ter estudado com um mestre italiano. O retrato mostra Mehmed de perfil esquerdo, sentado à maneira oriental, segurando um lenço com a mão esquerda e levando uma rosa até o nariz com a direita, a face animada por um sorriso apenas esboçado.

O arquiteto-chefe de Mehmed, conhecido em turco como Atik Sinan, era provavelmente um grego chamado Cristodoulos. Mehmed o encarregou da construção da Fath Camii, a Mesquita do Con-

quistador, baseada no desenho da grande igreja de Haghia Sophia, fundamentalmente um cubo encimado por uma cúpula. O interesse de Mehmed por outros estilos arquiteturais além dos turcos resulta evidente em uma observação de Angiolillo, que relata a construção, pelo Conquistador, de três pavilhões no palácio, “um em estilo Persa-Karaman, outro ao estilo turco e o terceiro ao estilo grego”. O segundo e o terceiro pavilhões não são mais identificáveis, mas o primeiro é certamente Çinili Köşk, o Pavilhão Ladrihado, uma construção inteiramente persa em seu desenho e sua decoração.

Mehmed escreveu a Sigismundo Pandolfo Malatesta pedindo que este lhe enviasse o construtor e escultor Matteo de' Pasti, discípulo do grande arquiteto Leon Battista Alberti. Quando os venezianos impediram a viagem de de' Pasti a Istanbul, Mehmed entrou em contato com outros discípulos de Alberti, dentre os quais Antonio Averlino, o Filarete. É possível que Filarete tenha participado do desenho e da construção de alguns edifícios do Topkapı Sarayı. O humanista italiano Francesco Filelfo escreveu a Jorge Amniroutzes em 30 de julho de 1465 informando que Filarete estava prestes a zarpar para Istanbul, onde pode ter-se estabelecido, uma vez que as fontes italianas não fazem mais menção dele após essa data. A planta simétrica do Topkapı Sarayı é similar à do Ospedale Maggiore de Milão, que é de Filarete e aparece em seu *Trattato di architettura*, obra encontrada na biblioteca do rei Matias Corvino. Mehmed também convidou o arquiteto bolonhês Aristotele Fioravanti para ir a Istanbul, mas este foi para Moscou, onde trabalhou no Kremlin.

O grão-vizir de Mehmed, Mahmud Paxá, rivalizava com o próprio sultão no patrocínio à literatura, embora preferisse as letras islâmicas aos clássicos gregos. Hoca Saleddin, referindo-se aos ulemás, a classe culta do império, escreve sobre Mahmud Paxá: “Os livros e tratados escritos com seu nome testemunham sua inclinação e seus cuidados para com os ulemás”. Somente as obras de dois estudiosos que apoiou sobreviveram: as do poeta Enveri e do historiador Sükrüllah.

Enveri compôs uma obra intitulada *Düsturname* (*Livro do Vizir*), terminada em 1464 e dedicada a seu patrocinador: “Para o exaltado Mahmud Paxá / Eu compus o *Düsturname*”. Trata-se de um poema

épico em três partes, das quais a primeira relata a história das dinastias muçulmanas do Profeta até os otomanos, a segunda descreve o reino do emir do século XIV Umur Bey de Aydın e a terceira contém uma história dos sultões otomanos até 1464, com as duas últimas seções dedicadas às façanhas de Mahmud Paxá. Enveri também escreveu uma obra intitulada *Teyfîricüme*, provavelmente um relato da campanha otomana da Valáquia de 1462, que não sobreviveu.

Sükrüllah compôs uma história mundial intitulada *Behçetü'l-Tevârîh* (*A Beleza das Histórias*), dedicada a seu patrocinador Mahmud Paxá, “o brilho dos pilares do reino, a chama nos céus do vizirado, aquele que resolve os assuntos dos homens, o sultão dos vizires do mundo, o conselheiro de beys e sultões”. O livro contém doze seções, contando a história do mundo desde a Criação, com destaque para as dinastias muçulmanas, sendo que a última seção está dedicada ao Império Otomano.

O historiador Tursun Beg, autor da *História de Mehmed, o Conquistador*, também beneficiou-se do patrocínio de Mahmud Paxá. Tursun foi secretário de Mahmud durante doze anos, que, diz, “foram os mais agradáveis de minha vida e passaram com os frutos da cultura [de Mahmud Paxá] e os proventos de sua companhia”. Tursun estava sempre ao lado de Mahmud nas numerosas campanhas comandadas pelo grão-vizir, o que lhe valeu uma perspectiva privilegiada para descrever essas expedições. Foi também secretário do Divã, ganhando assim um olhar nos bastidores da política governativa do reinado de Mehmed, o Conquistador. Halil Inalcık e Rhoads Murphy, em sua tradução da História de Mehmed, o Conquistador, escrevem que “a história de Tursun Beg foi escrita no estilo de prosa literária oficial que estava tomando forma nos círculos governativos otomanos daquela época; pode, portanto, ser considerada um importante primeiro exemplo de historiografia otomana do século XV”.

Outros estudiosos beneficiados pelo patrocínio de Mahmud Paxá foram os poetas Hamidi, Halimi, Saruca Kemal, Hayati, Nizami e Cemali, todos autores de obras enalcedoras do grão-vizir. Mahmud Paxá também patrocinou estudiosos de renome e estudantes promissores, especialmente por intermédio das escolas por ele fundadas. Um de seus protegidos foi o futuro grão-vizir Karamani

Mehmed Paxá. Tursun Beg, na introdução à sua história, cita essas palavras de Mahmud Paxá: "Diz-se que a melhor moralidade para sultões, necessária para a felicidade neste e no próximo mundo e para a proximidade com Deus, prescreva o acolhimento e a proximidade a estudiosos e místicos".

Mahmud Paxá fundou duas bibliotecas: uma anexa ao madraçal do conjunto de sua mesquita em Istambul, e a outra em sua propriedade em Hasköy, 20 km ao leste de Edirne. A biblioteca do madraçal de Mahmud Paxá era uma das duas principais bibliotecas otomanas de Istambul, junto à do sultão Mehmed no conjunto da mesquita deste em Eyüp.

Theoharis Stavrides, em sua biografia de Mahmud Paxá, escreve: "Os acervos das bibliotecas das suas escolas relacionavam-se aos currículos dessas instituições de ensino, que privilegiavam os estudos religiosos e jurídicos, bem como a ciência e a filosofia". Um manuscrito sobrevente que pertenceu à biblioteca pessoal de Mahmud Paxá é *al-Ağrad at-Tibbiya ve 'l-mahabis al'Alaiya*, um livro de medicina de Ismail Ibn Huseyin al-Jurjani (m. 1136), copiado em 862 AH (Ano da Hégira — 1458 d.C.). Segundo Süheyl Ünver, muitos livros da biblioteca pessoal de Mahmud Paxá tinham etiquetas e títulos dourados e decorações, o que indica que ele colecionava volumes de grande beleza. Mahmud Paxá escreveu poemas em turco e em persa reunidos em um *Divā*, sob o pseudônimo de Adni. Sua poesia tem forma de gazéls, poemas de cinco ou mais dísticos, como neste exemplo do *Divā*:

Ela fez de sua mecha de cabelos, escura como a noite, uma cortina sobre sua face de lua.

Há um dia em que não torne a manhã do amante em noite?

Tanto o sultão quanto seu maior grão-vizir eram homens de cultura e patrocinadores das artes, e a corte do Conquistador em Istambul rivalizava em brilho com as dos príncipes ocidentais do Renascimento europeu. Dois anos após a conquista de Constantinopla, o humanista florentino Giannozzo Manetti sandou Mehmed como "o jovem líder dos turcos, jovem pela idade, grande de espírito, maior ainda em poder".

A corte do Conquistador teve seu auge em 1465, ano em que Mehmed passou a desfrutar os ócios da Casa da Felicidade. Após descrever as atividades de Mehmed em seu descanso das guerras que havia travado desde a infância, Critoboulos conclui o relato sobre esse ano prazeroso e frutífero, o único período tranquilo na vida tumultuada do Conquistador, com estas palavras: "Enquanto o Sultão se mantinha ocupado e se dedicava a esses e outros estudos semelhantes, o verão transcorreu integralmente e o outono também; assim terminou o ano 6973, o décimo quinto do reinado do Sultão [1465 EC]".

17

A cidade do Conquistador

Istanbul é uma cidade muito maior e mais populosa do que era no tempo do Conquistador, embora alguns de seus aspectos permaneçam essencialmente os mesmos, já que a maioria dos monumentos erigidos por Mehmed II e pelos membros de sua corte continua de pé, muitos ainda desempenhando a mesma função para a qual foram inicialmente construídos.

O primeiro censo da Istanbul otomana, incluindo Gálatas, foi encomendado por Mehmed II em 1477, vinte e quatro anos depois de sua conquista da Constantinopla bizantina. O censo, que contava apenas lares civis e não incluía a classe militar ou aqueles que residiam nos dois palácios imperiais, Topkapı Sarayı e Eski Saray, registrou o número de famílias nas várias categorias religiosas, étnicas e nacionais. Ele registrou 9.486 famílias turcas muçulmanas, 4.127 gregas, 1.687 judias, 434 armêniãs, 267 genovesas e 332 europeias de lugares outros que Gênova. A população total de Istanbul é estimada por esse censo como estando entre oitenta e cem mil, cerca do dobro do que fora na Constantinopla bizantina logo antes da Conquista. Setenta por cento daqueles que viviam dentro da cidade murada de Istanbul eram turcos muçulmanos, sendo o restante formado por não muçulmanos, a maioria gregos e armênios, e alguns judeus, havendo em Gálatas uma situação exatamente oposta. A população judia aumentou de maneira significativa na década de 1490, quando Bayezid II, filho e sucessor do Conquistador, deu refúgio aos judeus que haviam sido expulsos da Espanha por Ferdinando e Isabela.

A população da cidade aumentou para cerca de meio milhão em meados do século XVI, durante o reino de Solimão, o Magnífico.

co. Ela então permaneceu constante até a última metade de século de domínio otomano, quando os turcos muçulmanos refugiados dos territórios perdidos do império nos Bálcãs chegaram aos montes em Istanbul, aumentando a população para mais de um milhão.

O primeiro censo da República Turca, realizado em junho de 1924, mostrou que Istanbul tinha uma população de 1.165.866 de pessoas, 61% das quais eram turcos muçulmanos, 25% gregas, 7% armênias e 6% judias. A população começou a aumentar no final dos anos 1950, quando as pessoas de áreas rurais da Anatólia começaram a se mudar para Istanbul e outras grandes cidades da Turquia em busca de uma vida melhor. Desde então, a população de Istanbul vem crescendo a um ritmo acelerado, alcançando 1,466 milhão em 1960, 2,132 milhões em 1970, 4,433 milhões em 1980, 7,5 milhões em 1990 e pouco menos de dez milhões em 2000, com um número hoje estimado entre doze e quinze milhões. O tamanho da cidade igualmente se expandiu, começando em 1980, quando sua área aumentou quatro vezes, de forma que Istanbul agora se prolonga até as praias do Bósforo chegando a um ponto onde se pode ver o mar Negro, estendendo-se a ponto de se aproximar das costas europeias e asiáticas de Mármara. A composição étnica de Istanbul também mudou, pois cerca de 99% da população atual é turca muçulmana, com cerca de cinquenta mil armênios, quarenta mil judeus e três mil gregos, as últimas três minorias sendo aquelas que eram reconhecidas como *millets* separados, ou nações, por Mehmed, o Conquistador.

Duas pontes agora atravessam o Bósforo. A primeira inaugurada em 29 de outubro de 1973, no quinquagésimo aniversário da República Turca, cruzando o estreito a cerca de seis quilômetros de sua ponta sul no mar de Mármara. A segunda ponte, inaugurada no verão de 1988, cruza o estreito a cerca de doze quilômetros, rio acima, do mar de Mármara. O ponto mais alto do arco é chamado de Fatih Mehmed Köprüsü, a Ponte de Mehmed, o Conquistador, em homenagem ao primeiro muçulmano a reinar em Istanbul, e que tomou Constantinopla, fato esse comemorado todos os anos em 29 de maio.

A Fatih Mehmed Köprüsü cruza o Bósforo rio acima logo após as fortalezas de Anadolu Hisari e Rumeli Hisari, há muito conhecidas como os Castelos da Ásia e Europa, respectivamente. Vale lembrar

que Anadolu Hisari foi construída em 1395 por Bayezid I quando começou o primeiro cerco turco de Constantinopla, abortado quando ele foi derrotado e morto por Tamerlão em 1402, enquanto a Rumeli Hisari foi construída por Mehmed I no verão de 1452 como preparação para seu ataque na capital bizantina no ano seguinte.

A Rumeli Hisari é uma esplêndida fortificação do final da Idade Média, a maior já construída por turcos otomanos. A fortaleza abarca um vale íngreme com duas torres altas em colinas opostas e uma terceira no fundo do vale na beira da água, onde fica o portão do mar protegido por antemuro. Uma muralha, defendida por treze torres menores, junta-se aos três principais bastiões, formando um triângulo de cerca de 250 metros de comprimento por 125 de largura em sua maior extensão. O próprio sultão Mehmed escolheu o local, desenhando o plano geral da fortaleza e passou muito tempo supervisionando o trabalho dos mil trabalhadores especializados e dois mil não qualificados que ele havia recrutado nas várias províncias de seu império. Ele confiou a construção de cada uma das três torres principais a um de seus vizes, cujos nomes ainda estão associados com elas. A torre norte ficou a cargo do Saruca Paxá, a do sul a cargo do Zaganos Paxá e a torre do mar a cargo do Halil Paxá, seu grão-vizir, com os três competindo entre si para completar o trabalho com rapidez e eficiência. Acima da porta para a torre sul uma inscrição árabe registra a conclusão da fortaleza no mês de Recep 856 (julho-agosto de 1452), apenas quatro meses depois de ser começada.

A fortaleza foi restaurada em 1953 para comemorar o 500.º aniversário da conquista de Constantinopla pelo sultão Mehmed. Na ocasião o pitoresco vilarejo de casas de madeira dos muros da fortaleza foi demolido, e seus moradores, alguns dos quais afirmavam ser descendentes dos homens do exército e da força de trabalho do Conquistador, foram instalados no vilarejo de Rumeli Hisari. A área dentro da fortaleza foi transformada num charmoso parque e a cisterna circular na qual outrora se localizou uma pequena mesquita (parte de seu minarete foi deixado para marcar sua posição) foi convertida num palco de teatro ao estilo grego. Ali, no verão, são encenadas obras de Shakespeare e outras peças contra um incrível fundo formado por muros de castelo e torres, pelo Bósforo e pelas luzes reluzentes de vilarejos da Ásia.

Imediatamente após a Conquista, o sultão Mehmed construiu outra fortaleza no canto sudeste da velha cidade, próximo da porta de Mármara dos muros das terras bizantinas no famoso Portão Dourado. Como escreveu Critoboulos, depois de registrar os esforços de Mehmed para reconstruir a cidade e começar a trabalhar no Eski Saray: "Além disso, ele ordenou a construção de uma poderosa fortaleza próxima do Portão Dourado onde antes havia sido um castelo imperial e exigiu que todas essas coisas fossem feitas com grande pressa".

A fortaleza no Portão Dourado é conhecida como Yedikule, o Castelo das Sete Torres, uma estrutura curiosa, meio bizantina, meio turca. O lado ocidental é formado por aquela parte de antigos muros teodosianos de cidade que incluía o Portão Dourado, parte de um arco do triunfo construído por volta de 390 pelo imperador Teodósio I. Ao longo desse lado ficavam quatro das sete torres: duas torres quadradas de mármore flanqueando o Portão Dourado e duas poligonais pertencentes ao próprio muro teodosiano. Ao leste destas, dentro da cidade, o sultão Mehmed construiu três grandes torres ligadas uma à outra e aos muros teodosianos por paredes de vedação altas e maciças. A área assim delimitada forma um hexágono um tanto irregular. A estrutura nunca foi usada como um castelo no sentido habitual, mas duas das torres tiveram serventia em tempos otomanos como prisões; as outras foram usadas como locais de armazenamento de parte do tesouro do estado.

Yedikule foi restaurada e agora funciona como museu, com sua entrada no meio da parede interna do conjunto. O bastião à esquerda da entrada é chamado de Torre das Inscrições, porque alguns dos muitos desafortunados que foram aprisionados lá tallaram mensagens nas paredes, em grego, latim, francês e alemão. A torre sul do Portão Dourado era usada em tempos otomanos como prisão e como lugar de execução, sendo que uma das exposições é o "poço de sangue", um fosso no qual os carrascos jogavam as cabeças daqueles que haviam executado. Osman II foi executado ali em 19 de maio de 1622, embora não tenha sido decapitado, de acordo com Evliya Çelebi, que escreveu que o jovem sultão, de apenas dezenove anos, "foi deposto por uma rebelião de janízaros e morto no Castelo das Sete Torres,

pela compressão dos testículos, um modo de execução reservado por costume aos imperadores otomanos.¹⁴

O maior e mais famoso mercado de Istambul ainda é o Kapalı Çarşı, ou Bazar Coberto, que o sultão Mehmed fundou na Terceira Colina em 1456, três anos depois da Conquista. O historiador de arquitetura turco Ayverdi afirma que mais da metade das lojas no bazar datam do tempo do Conquistador, embora tenham sido com certeza restauradas em várias ocasiões, mais recentemente depois do terremoto de 1894 e do fogo que devastou o mercado em 1954.

O Kapalı Çarşı é provavelmente o maior mercado de seu tipo no mundo. De início, parece um verdadeiro labirinto, mas sua área central forma um padrão quadriculado regular, com lojas vendendo o mesmo tipo de mercadoria congregada em suas próprias ruas, cujos nomes derivam das várias guildas de mercado que originalmente mantinham seus estabelecimentos nesses lugares na época do Conquistador. Dessa forma, há ruas de joalheiros, ourives, artesãos de prata e negociantes de tapetes, embora existam outras com o nome ligado a fabricantes de espadas, mercadores de turbantes e fabricantes de armaduras, que agora lidam com mercadorias mais modernas. As ruas têm telhados de abóbadas e domos, as mais largas com freqüência flanqueadas por arcos com colunas, vielas laterais levando a *hans* ancestrais, ou hospedarias do centro da cidade.

A grade é centrada no Velho Bedesten, uma das estruturas originais erigidas pelo Conquistador, usadas na época e agora para armazenamento e venda dos objetos mais preciosos. O sultão Mehmed construiu um *bedesten* quase idêntico passando pelo o Chifre de Ouro em Gáata, que agora serve como um salão de mercado para maquiaria pesada, identificado por uma placa como o Fatih Çarşisi, o Mercado do Conquistador.

O primeiro complexo de mesquitas que o sultão Mehmed erigiu em Istambul foi Eyüp Camii, fora das paredes da cidade nos altos do Chifre de Ouro. Eyüp Camii foi construído por Mehmed em 1458 e seu *küllüye* original, ou complexo de prédios, incluía a própria grande mesquita, a tumba (*tirbe*) de Eba Eyüp Ensari, Companheiro do Profeta, uma *medrese*, um refeitório (*imaret*) e um banho público (*hamam*). A mesquita original foi destruída, talvez pelo grande

terremoto de 1766, e a estrutura atual foi construída em 1800 pelo sultão Selim II. A *medrese* se desfez, o *imaret* está em ruínas e apenas parte do *hamam* sobrevive (um painel muito refinado de vinte e quatro telhas Iznik desse banho está atualmente no Victoria and Albert Museum). Mas a *tirbe* de Eba Eyüp Ensari sobrevive intacta e suas requintadas decorações fazem dela uma das obras-primas da arte otomana.

Chega-se à mesquita por um pátio pitoresco com dois grandes pórticos barrocos. Outro pórtico leva a um pátio interno, cercado por três lados por colunatas incommumente altas e majestosas. O pátio interno conta com a sombra de plátanos impressionantes, nos quais garças cinzentas e cegonhas se aninham na primavera, sendo que algumas das últimas permanecem ali no oco de uma das árvores quando não conseguem mais voar. As revoadas de pombos são tão numerosas e mimadas como as da Praça de São Marcos em Veneza, e o pátio está sempre amontoado de peregrinos e de rapazes celebrando os ritos da circuncisão. A tumba de Eyüp se encontra na frente da porta central da mesquita. Embora ela tenha sido restaurada e redecorada em tempos mais recentes, seu interior ainda parece conservar a forma que tinha nos tempos do Conquistador.

Da época de Beyazid II em diante se tornou costume que novos sultões recebessem a espada de seu ancestral Osman Gazi na tumba de Eyüp, uma cerimônia equivalente a uma coroação. O sultão que acabava de recebê-la liderava então uma procissão para a Fatih Camii, a Mesquita do Conquistador, onde prestava reverência ao sultão Mehmed II. O primeiro a fazer isso foi Beyazid II, que havia enterrado seu pai mais cedo naquele dia, 21 de maio de 1481, dando início a uma prática que continuou até o fim do império.

A Fatih Camii está na Quarta Colina da cidade, construída no local da famosa igreja dos Santos Apóstolos, que o Conquistador demoliu para abrir espaço para seu *küllüye*, o primeiro complexo de mesquitas imperial a ser erigido em Istambul. Ele foi construído nos anos de 1463 a 1470, datas percebidas na inscrição caligráfica sobre o pórtico voltado para o pátio externo. O arquiteto foi Atik (Velho) Sinan, identificado sem confirmação final como um grego chamado Christodoulos, que, ao que parece, teria sido executado pelo sultão

Mehmed em 1471, supostamente porque o domo da mesquita do Conquistador era menor do que o da Haghia Sophia, embora essa história seja provavelmente apócrifa.

A mesquita original foi completamente destruída pelo terremoto de 22 de maio de 1766, tendo os outros prédios do complexo sido danificados em graus variados. O sultão Mustafa III imediatamente incumbiu-se da reconstrução do complexo, e a mesquita barroca atual, finalizada em 1771, teve um projeto completamente diferente do original. A hospedaria, o hospital e a biblioteca desapareceram, mas todas as outras estruturas no *küllüye* sobreviveram na restauração por Mustafa II, presumivelmente em sua forma original.

O Fatih Camii foi o maior e mais extenso complexo de mesquitas construído no Império Otomano, instalado numa área vasta e quase quadrada — com cerca de 325 metros num dos lados — com uma simetria praticamente rígida. Este e outros *küllüyes* se tornaram centros cívicos da nova cidade otomana de Istambul, com a mesquita rodeada por outras instituições religiosas e filantrópicas que servem aos muçulmanos do bairro que a rodeia, nesse caso ainda conhecido como Fatih. O *küllüye* Fatih Camii original consistia de uma mesquita, oito *medreses*, um refetório, uma casa de repouso, uma hospedaria, um hospital (*darüssıffa*), uma biblioteca (*kütüphane*), uma escola primária (*mektep*), um mercado (*carsi*) e duas tumbas (*türbe*), uma para o sultão Mehmed e outra para sua esposa Gülbahar, mãe de seu sucessor Bayezid II.

O cemitério atrás da mesquita abriga as tumbas do sultão Mehmed e de sua esposa Gülbahar, ambas reconstruídas depois que o terremoto de 1766 atingiu os velhos alicerces. A tumba de Mehmed é bastante barroca, e suas decorações são extremamente suntuosas no estilo Império. Gülbahar é simples e clássica e provavelmente reproduz a original com bastante fidelidade.

Velhas plantas mostram que a tumba de Mehmed era preenchida com armas capturadas e outros troféus, ali colocados pelos sultões depois de campanhas vitoriosas. Quando sultões que acabavam de receber a espada de Mehmed visitavam sua tumba dizia-se que rezavam para ele favorecê-los com a coragem que exibiu em suas muitas conquistas, em particular na captura de Constantinopla. Os camponeses

anatolianos ainda oferecem preces ao Conquistador quando visitam sua tumba, dando continuidade a uma prática que data do tempo de sua morte.

A tumba de Gülbahar nunca foi aberta ao público, o que segundo a lenda seria devido ao fato de ela ser uma cristã que nunca se converteu ao Islã, tradição primeiro registrada por Evliya Çelebi em sua *Narrative of Travels*:

Eu mesmo com frequência observei, na prece da manhã, que os leitores designados para cantar lições do Corão viravam todos as costas quando chegavam ao caixão dessa senhora, de quem muito se duvida se faleceu na fé do Islã. Eu com frequência vi Francos [europens] virem em segredo e darem alguns aspets ao guardião da tumba para que ele lhes abrisse a *türbe* dela, pois o portão estava sempre trancado.

A mesma história é contada pelo viajante italiano Cornelio Magani, numa obra publicada em Parma em 1679, na qual afirma que o guardião da tumba de Gülbahar lhe dissera que ela permanecia fechada porque a morta era uma princesa cristã que vivera e morrera com sua fé. “A *türbe*”, disse o guardião, “permanece sempre fechada, até as janelas”. Magani perguntou o motivo disso e lhe foi dito pelo guardião: “O sepulcro dela, cuja a alma vive entre as sombras, não merece um raio de sol!” Depois de muita súplica e a intervenção de um emir que estava passando, o guardião finalmente o deixou entrar. “Eu entrei com veneração e assombro”, ele escreve em conclusão, “e silenciosamente recitei um *De Profundis* pela alma dessa princesa infeliz”.

A mais antiga mesquita existente em Istambul que mantém sua forma original é a Mahmut Paxá Camii, construída em 1462 na Segunda Colina. O bairro do mercado no qual ela ainda se localiza ainda tem o nome ligado ao de Mahmut Paxá, o maior dos grão-vizires do Conquistador.

Além da grande mesquita, a *küllüye* original de Mahmut Paxá incluía uma *medrese*, um *imaret*, uma escola primária, uma *türbe*, um *hamam*, um *han* e uma *mahkeme* ou Corte de Justiça. Tudo que resta da *medrese* é seu salão de palestras e uma ou duas celas arruinadas

num canto do jardim. O *imaret*, o *mektep* e a *mahkeme* desapareceram, mas a *tirbe*, o *hamam* e o *han* sobreviveram. A *tirbe* magnífica e única de Mahmut Paxá fica não muito longe, ao sudoeste da mesquita, datada por sua inscrição como AH 878 (1474 d.C.), o ano em que ele foi executado pelo Conquistador.

As outras duas estruturas remanescentes do *külliyé* estão a alguma distância a oeste da mesquita, todas numa rua chamada Mahmut Pasha Yokusu, que leva além de Kapali Çarsi no seu caminho descendo para o Chifre de Ouro, ou próximo dela.

Um pouco mais abaixo na Mahmut Pasha Yokusu, depois de sair de Kapali Çarsi, se chega à esquerda a uma esquinha que leva a um imponente prédio condenado. É o que resta do *hamam* de Mahmut Paxá, é usado como um salão de mercado. O edifício, datado por uma inscrição como do ano AH 871 (1476 d.C.), foi finalizado por seus herdeiros dois anos depois de sua morte.

Um pouco mais além, ainda descendo a Mahmut Pasha Yokusu, se chega à esquerda a uma passagem arcada que leva ao Kırkküçü Hani, o *han* dos Pelteiros. Esse é o *han* do *külliyé* de Mahmut Paxá, o prédio mais antigo desse tipo em Istambul. Os pelteiros a quem seu nome está relacionado fazem negócios ali desde pelo menos 1638, quando Evliya Çelebi os descreveu em sua *Narrative of Travels*. Evliya menciona nominalmente mais de vinte e cinco *hans* que ainda existem em Istambul, a maioria deles na área do Kapali Çarsi ou em volta dele, alguns datando do tempo do Conquistador, muitos construídos sobre alicerces bizantinos. Eles foram projetados como pousadas para os mercadores, com espaço de armazenagem para os bens que traziam para Istambul em caravanas de camelos, mais tarde substituídas por caminhões. Tipicamente, eram prédios de dois ou três andares em volta de um pátio central, ou mesmo dois pátios, como no caso de Kırkküçü Hani e um ou dois outros.

Várias mesquitas e outras estruturas fundadas pelos vizires do Conquistador ainda estão de pé. As mais antigas delas são a Murat Pasha Camii e a Rum Mehmed Pasha Camii, que estão logo abaixo da Mahmut Pasha Camii como as segunda e terceira mesquitas mais antigas da cidade que ainda mantêm a forma original. Tal como Mahmut Paxá, Murat Paxá e Rum Mehmed Paxá eram de origem grega

e se converteram ao islamismo quando entraram para o serviço de Mehmed, o Conquistador.

A Murat Pasha Camii foi construída na Sétima Colina em 1469, data registrada numa inscrição acima de sua entrada principal. O fundador, Murat Paxá (também conhecido como Hass Murat), era da família bizantina imperial Paleólogo, e ocupou o posto de primeiro-vizir sob o Conquistador, que o tinha entre seus favoritos. Morreu relativamente jovem em 1473 durante a campanha do sultão Mehmed contra Uzun Hasan, comandada por Mahmut Paxá, a quem o sultão culpou pela morte de seu favorito.

A Rum Mehmed Pasha Camii está no lado asiático da cidade de Üsküdar, situada numa colina acima do ponto onde o Bósforo flui até o Marmara. De acordo com a inscrição em árabe acima da porta da mesquita, ela foi fundada em 1471 por Rum Mehmed Paxá, no ano que ele se tornou grão-vizir, apenas para ser executado no ano seguinte pelo Conquistador. O fundador foi enterrado numa *tirbe* octogonal no jardim atrás de sua mesquita. Josef Von Hammer, historiador austríaco do século XIX, escreveu, falando de Rum Mehmed Paxá, que "ele não deixou na história otomana outra lembrança senão a de seus crimes".

O banho turco mais antigo ainda em funcionamento na cidade é o Gedik Pasha Hamami na Terceira Colina, construído por volta de 1475. Seu fundador foi o Gedik Ahmet Paxá, que serviu como grão-vizir nos anos 1473-1474 e de novo em 1476, comandando exércitos vitoriosos tanto para Mehmed II quanto para Bayezid II, que o executou em 1482. Todo o banho brilha com o reluzente mármore novo; ele é bastante frequentado pelos habitantes do bairro a seu redor, como o era realmente desde os tempos do Conquistador.

Outro *hamam* ancestral, agora infelizmente sem uso, forma parte de um pequeno *külliyé* próximo dos muros do Topkapı Sarayı na escarpa do mar de Marmara, na Primeira Colina. O *külliyé* consiste apenas do *hamam*, uma estrutura monumental agora parcialmente em ruínas, e de uma pequena mesquita bastante restaurada. Ambas as estruturas foram construídas em 1476 pelo Ishak Paxá, que serviu como grão-vizir do Conquistador nos anos 1468-1471 e novamente sob o governo de Bayezid II. Seu contemporâneo Critoboulos descre-

ve İshak como “um homem dos mais sábios, experiente em muitas esferas, mas especialmente um líder militar e homem de coragem”. A mesquita é do tipo mais simples, uma sala quadrada coberta por um domo, do mesmo estilo que as mais antigas mesquitas otomanas dos anos 1330 ainda existentes. A mesquita foi restaurada várias vezes, mas não muito bem, e perdeu sua varanda num alargamento de rua.

A İshak Pasha Camii é uma das oito pequenas mesquitas de İstambul datadas da época do Conquistador que foi reconstruída de forma a não manter sua forma original. Apenas duas dessas mesquitas têm suas datas precisadas de forma definitiva, embora as outras sejam quase com certeza do primeiro quarto de século depois da Conquista, quando o sultão Mehmed estava reconstruindo e repovoando sua nova capital.

A Yarhisar Camii localiza-se na encosta da Quarta Colina que conduz ao Chifre de Ouro. De acordo com o Registro de Fundações Pias, ela foi construída em 1461, precedendo assim a Mahmut Pasha Camii em mais ou menos um ano. Seu fundador, Musliheddin Mustafa Efendi, era juiz-chefe de İstambul sob o Conquistador. Outra um belo edifício, ela foi bastante danificada no grande incêndio de 1917, que consumiu a maior parte do bairro, tendo sido restaurada em 1954-1956, porém de uma forma tão inadeguada que perdeu toda sua natureza original.

Outra mesquita antiga arruinada por uma restauração terrível é a Kurnulu Mesci, que fica na Quinta Colina. Essa mesquita é de interesse porque seu fundador e construtor, Atik Sinan, foi arquiteto-chefe do sultão Mehmed II e construiu a mesquita original de Fatih Camii. Kurnulu Mescit, a Mesquita da Rola Brava, toma seu nome de um fragmento de escultura bizantina usado na fonte adjacente. A sepultura de Atik Sinan está no jardim da mesquita; a inscrição registra que ele foi executado em 1471, um ano depois da Fatih Camii ter sido completada, mas o motivo de sua execução não foi dado.

As outras cinco mesquitas antigas do tempo do Conquistador estão todas no declive da Terceira Colina na direção do Chifre de Ouro, uma região que tem sido a principal área de mercado da cidade desde os tempos bizantinos e que, sob Mehmed II, se tornou o primeiro bairro turco da cidade.

A Yavaşca Şahin Camii é uma pequena mesquita na Uzun Çarşı Caddesi, a Avenida do Mercado Comprido, que segue o curso de uma antiga via bizantina com colunatas que vai do topo da Terceira Colina ao Chifre de Ouro. A mesquita foi fundada logo depois da Conquista pelo Yavaşca Şahin Paxá, que foi capitão da frota otomana no cerco de Constantinopla pelo Conquistador. Integra um pequeno grupo de mesquitas antigas que formam um tipo distinto. A mesquita foi bastante danificada pelo fogo em 1890, mas corretamente restaurada em 1950.

Logo em frente à Yavaşca Şahin Camii uma rua leva a uma subida acentuada, e na primeira esquina à esquerda ela chega a Samanveren Camii, a Mesquita do Inspetor de Palha. Essa estrutura antiga e dilapidada foi construída na época do Conquistador por certo Sinan Ağa, que era o *samanveren* do sultão, ou inspetor de palha — daí o nome da mesquita. Embora ela esteja num estágio muito avançado de deterioração, é um prédio curioso e interessante feito de tijolos e pedras; o que restou do minarete tem algumas curiosas decorações semelhantes a folhas nos tijolos.

Em frente à Samanveren Camii, uma rua com o nome pitoresco de Devoglu (Filho do Gigante) passaria colina abaixo para o norte até que desemboca em frente a outra mesquita antiga, Tinnurtaş Camii, que foi completamente restaurada nos anos 1960. O historiador de arquitetura turco Ayverdi estabeleceu que a mesquita foi construída no tempo do Conquistador por um certo Tinnurtaş Ağa, que pode ter sido um associado de Sinan Ağa, o fundador da Samanveren Camii, já que as duas mesquitas são (ou eram) quase idênticas.

Das outras velhas mesquitas do tempo do Conquistador estão localizadas numa rua marginal que passa pelo Chifre de Ouro, entre a Ponte Galata e a Ponte Atatürk. Uma delas, a Kazancılar Camii, a Mesquita dos Fabricantes de Caldeirão, fica no meio do caminho entre as duas pontes no bairro de Küçük Pazar (o Pequeno Mercado) enquanto outra, a Sığrıclar Camii, a Mesquita dos Mercadores de Couro, fica do lado da Ponte Atatürk no bairro conhecido como Unkapanı (a Loja de Farinha), com os nomes das mesquitas e das áreas nas quais elas se localizam remontando ao tempo do Conquistador, quando os turcos primeiro se estabeleceram nessa parte da cidade.

A Kazanclar Camii também é conhecida como Üç Mihalabî Camii, a Mesquita dos Três Mirhabs. Fundada, de acordo com um documento conhecido como *Hadika*, por certo Hocca (Professor) Hayrettin Efendi em 1475, ela foi ampliada primeiro pelo próprio Conquistador, depois pela nora de Hayrettin, que acrescentou sua própria casa à mesquita, que assim passou a ter três *mihlads* — por isso o nome. O corpo principal do prédio parece ter a forma original, porém bastante restaurado. Ao sul do prédio principal, está um anexo retangular com um teto liso e dois *mihlads*; é por essa sala que as pessoas entram na mesquita hoje em dia. De acordo com Ayverdi, essa seção é “completamente nova”, o que pode ser verdade, mas examinando-se pela forma pode muito bem ser a casa acrescentada pela nora de Hayrettin, sendo que nesse caso esta seria a única residência comum que resta na cidade do tempo do Conquistador:

A Sagrıclar Camii foi fundada em c. 1455 por Yavuz Ersinan, que foi porta-estandarte no exército de Mehmed na época da Conquista e ancestral de Evliya Çelebi, que nasceria numa casa ao lado da mesquita. O fundador está enterrado num pequeno cemitério instalado entre a mesquita e sua casa, agora desaparecida. Enterrado do lado de Yavuz Ersinan está seu velho companheiro de armas Horoz Dede, Avó Galo, um dos mais famosos santos folclóricos de Istanbul. Horoz Dede recebeu seu nome durante o cerco de Constantinopla, quando fazia suas rondas na alvorada de cada dia e despertava as tropas de Mehmed com sua poderosa iniciação de canto de galo. Foi morto no ataque final à cidade, e depois da conquista Yavuz Ersinan o enterrou do lado de sua mesquita, com o sultão Mehmed entre os pranteadores de sua sepultura. A mesquita é do tipo mais simples, uma sala quadrada coberta com um domo. Foi restaurada em 1960 com um sucesso apenas moderado.

O exemplo de Mehmed foi seguido por seus sucessores como sultão e também por grandes homens e mulheres de suas cortes, que construíram complexos de mesquitas e outras estruturas por toda a cidade. Os mais notáveis dos complexos de mesquitas imperiais encimam as seis colinas acima do Chifre de Ouro: a sultão Ahmet I Camii na Primeira Colina, a Nuruosmaniye Camii na Segunda Colina, a Beyazid II Camii (a Beyazidiye) e a Süleyman I Camii (a Süleymaniye)

na Terceira Colina, a nova Fatih Camii de Mustafa II na Quarta Colina, a Selim I Camii na Quinta Colina e a Mihriyah Camii na Sexta Colina, sem mencionar o grande número de outras mesquitas, *medreses*, escolas, bibliotecas, hospitais, refetórios, *hans*, banhos, mercados, palácios e fontes otomanas que adornam não apenas a velha cidade, mas sua extensão atual em ambas as margens do Bósforo.

Algumas das outras estruturas da cidade remanescentes do tempo do Conquistador estão no Topkapı Sarayı, de forma mais notável a Çini Kiosk e os dois complexos na Terceira Corte, em especial a Sala de Audiência e o Pavilhão do Conquistador. A Çini Kiosk agora serve como museu de azulejos turcos; a Sala de Audiência é o Pavilhão do Manto Sagrado, com objetos sagrados associados ao Profeta Mehmed, enquanto o Pavilhão do Conquistador aloja a Tesouraria do Topkapı Sarayı, uma coleção extraordinária de objetos preciosos que foram propriedade dos sultões otomanos, incluindo vários que pertenciam ao Conquistador.

O Pavilhão do Conquistador também aloja o Guarda-Roupa Imperial, uma coleção de túnicas e outras roupas pertencentes aos sultões, do Conquistador até o final da dinastia Otmani. A túnica do Conquistador exibida nessa coleção é semelhante ao *kafyan* que ele vestiu no retrato que Gentile Bellini pintou em 1480. Mehmed deve ter posado para o retrato no Topkapı Sarayı, pois sua má saúde o manteve no palácio por todo aquele ano. A sala em que posou seria a galeria de mármore no canto nordeste da Terceira Corte, pois a luz é melhor lá, já que ela se abre, por meio de grandes arcos, para o nordeste e o sudeste.

Depois da morte de Mehmed, seu filho e sucessor Bayezid II parece ter-se livrado do retrato de seu pai junto a outras pinturas ocidentais, como Giovanni-Maria Angiolello escreve em seu relato da visita de Bellini a Istanbul.

Mehmed mandou que ele [Bellini] fizesse muitas pinturas e retratos de súditos com um caráter lascivo (*masime di core di lascivia*) e alguns desses eram tão belos que ele mandou que vários fossem pendurados no palácio. Quando Bayezid sucedeu ao pai, ele imediatamente mandou essas pinturas serem vendidas em ba-

zares e muitos delas foram compradas por nossos [vенеzianos] comerciantes.

O retrato de Bellini de Mehmed não foi visto de novo até 1865, quando foi comprado de um colecionador em Veneza por Augustin Layard, o famoso arqueólogo, que atuou como embaixador britânico em Istambul durante o reino de Abdül Hamit II. Depois de Layard morrer, sua viúva doou a pintura à National Portrait Gallery em Londres, onde permanece até hoje.

O retrato do Conquistador retornou brevemente a Istambul em dezembro de 1999, quando foi exibido na galeria do Centro Cultural Yapı Kredi. Eu não via essa pintura havia quase quarenta anos e a tinha visto brevemente, mas agora eu a olhava de maneira demonstrada e cheia de intenção, tentando ver o homem por trás do rosto enigmático. Ele parecia estar olhando de maneira distraída ao longe, para um lugar que, de onde ele posou para Bellini, seria em direção à confluência do Bósforo com o Chifre de Ouro, onde suas águas se misturam e fluem juntas para o mar de Mármara ao redor da cidade que ele havia conquistado vinte e oito anos antes, mudando o mundo para sempre.

Mehmed não tinha ainda quarenta e nove anos quando posou para o retrato, parecendo um homem vigoroso no auge da vida, sem nenhuma indicação de que tinha apenas alguns meses para viver. Embora estivesse mortalmente doente durante esses meses, arrastou-se para fora da cama para mais uma campanha, juntando forças no lado asiático do Bósforo, apenas para encontrar sua morte em um dia de marcha de distância de Istambul, a cidade que ele conquistou quatro séculos e meio atrás e que ainda mostra sua marca hoje.

Uma inscrição sobre o Portão Imperial do Topkapı Sarayı, datada de dois anos antes de sua morte, poderia servir como epítáfio de Mehmed, o Conquistador, o Grande Turco, dominando a entrada para o principal monumento que ele erigiu na cidade que se tornou sua capital.

Pela graça de Deus e Sua Aprovação, a fundação desse auspicioso castelo foi estabelecida e suas partes juntas de mane-

ra sólida para fortalecer a paz e a tranquilidade pelo comando do sultão dos dois Continentes e o imperador dos dois Mares, a Sombra de Deus nesse mundo e no próximo, o Favorito de Deus nos Dois Horizontes, o Monarca da Orbe Terráquea, o Conquistador do Castelo de Constantinopla, o Pai da Conquista, sultão Mehmed Khan, filho do sultão Murad Khan, filho do sultão Mehmed Khan, possa Deus tornar seu império eterno e exaltar sua residência entre as estrelas mais lícidas do firmamento, no abençoado mês do ramadã do ano 883 [novembro e dezembro de 1478].